

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUCCÃO

SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

COLLABORADORES:

Alfredo Campos;—Amalia Flores (D.);—Alberlina Paraiso (D.);—Alice Moderno (D.);—Antonio Fogaça;—Anthero Figueiredo;—Arthur Soares;—Bráulio Caldas;—Carlos Braga;—Eugenio de Castro;—Firmino Pereira;—Gonçalo Sampaio;—Gonçalo Huet Bacellar;—Hippolito Maya;—João Penha;—José Simões Dias;—Jayme Filinto;—Miguel Sotto-Mayor (D.);—Marianna Coelho (D.);—Nuno Rangel;—Pereira Caldas;—Sebastião Pereira da Cunha;—Santos Mello;—Trindade Coelho;—Teixeira Coelho;—Teixeira Lobato;—Vicente Novaes, etc., etc.

A MUSICA EM PORTUGAL

ENSAIO HISTORICO

III

(Continuado do n.º 8)

Em apoio do que vimos dizendo citaremos o que do conde D. Pedro, filho de el-rei D. Diniz, affirmam nossos chronistas, isto é:—que fôra bom musico, compondo elle mesmo a melodia para as suas trovãs. E' de suppor que o proprio D. Diniz tambem conhecesse, mais ou menos, a arte musical, attenta a esmerada educação, que seu pae lhe fez dar, trazendo para esse fim mestres de França. Fosse porém como fosse, o certo é que este rei, ao fundar em 1290 a universidade de Lisboa (transferida depois para Coimbra em 1306), não se esqueceu de estabelecer n'ella uma aula de musica (1).

Por este tempo fazia a arte musical alguns progressos, a que Portugal não devia de ficar extranho. O *contra-ponto*, que Franco de Colonia já definira:—«Muitas melodias concordantes entre si»,—foi artisticamente empregado, bem como as *dissonancias*, por Guilherme de Machault, musico da côrte de Philippe o Bello, em diferentes composições, d'entre as quaes sobresahia uma missa a quatro partes. Pela mesma epocha João de Muris, doutor da Sorbona, escrevia varios tratados de musica, em que dava importantes regras sobre o canto mesurado, de que alguns, posto que erradamente, o julgaram inventor; e Marchetto, de Padua, inventava a *diesis*, ou *sustenido*, cuja importancia na arte é assás reconhecida.

Não é para passar desapercibido o facto de haver el-rei D. Diniz instituido, em 1299, a capella real dentro dos seus paços de Lisboa (2). «E d'este tempo (diz Jorge Cardoso) parece «teve principio *cantarem-se* ellas (as horas canonicas) na capella do Paço, pelo menos nas «vesperas solemnes (3)».

IV

O canto popular, segundo affirmam os nossos chronistas, fazia as delicias de D. Pedro I; o qual tambem trovava e cantava quando, despin-do a intervallos a sua habitual severidade, folgava nas festas dos seus paços reaes, ou se intromettia nas danças e *trebelhos* dos seus subditos plebeus, como conta Fernão Lopes.

E' para notar todavia a aversão, que sempre mostrou—e que até se traduziu em uma sua lei especial—a todo genero de instrumentos musicos, que não fossem as trombetas marciaes!

O canto popular era, em geral, o aggregado das melodias inventadas pelos trovadores, não excluindo comtudo algumas melopéas, que em diversas epochas tinham tido a sua origem entre o proprio povo. Não só pela variedade do rythmo, como tambem pelo attractivo do verso em lingua vulgar, dava-se a preferencia á musica profana sobre o canto ecclesiastico, mais monotono, e cuja letra, em latim, era apenas comprehendida por pouquissimas pessoas.

D'qui nasceu o escolherem os compositores de musica sacra alguns motivos populares para temas das suas composições; e por outro lado, o povo fazia tambem ouvir os seus cantares no meio das solemnidades religiosas; trovãs profanas, e não poucas vezes indecentes.

O abuso chegou a tal ponto, que o Papa João XXII (1316-1334) se viu obrigado a obstar-lhe por meio de uma bulla, sem que todavia lo-grasse alcançar completamente o seu louvavel e mui justificado intento.

Todavia o povo tambem compunha os seus canticos ao divino. Teve provavelmente uma origem popular o *Vilhancico*, que foi uma das fórmãs da musica religiosa na Peninsula, analogo ao *madrigal*, muito usado em França.

D'este ultimo diz um escriptor já por vezes citado:

«O *madrigal* foi a principio um hymno á «Virgem; cantava-se a muitas vozes e em contra-ponto, muitas vezes acompanhado a orgão. Mais «tarde tocavã-se no orgão e n'outros instrumentos «uns trechos sem palavras, no *estyllo madrigales-co*. Aqui está evidentemente uma das origens «da musica instrumental (1)».

(1) Veja o documento transcripto por Silvestre Ribeiro, *Histor. dos estabelecimentos* etc.—Tom. 1, pag. 434.

(2) Brandão, *Monarchia Lusit.* I.º 17, cap. 48.

(3) *Agiolog. Lusit.* tom. I, pag. 400.

(1) A. Cap. oper. cit.

No seculo XV os progressos da arte musical não foram muitos. No nosso paiz podemos avaliar até certo ponto a sua decadencia se nos lembrarmos do triste estado, em que el-rei D. Duarte encontrou a capella real, na qual dizem nossas historias—se não cantava como devia ser (1). Por outro lado a epocha dos trovadores havia passado, e o viver social do povo ia passar por uma notavel transformação, perdendo parte das antigas liberdades com a consolidação da monarchia absoluta.

A arte perdeu tambem o seu character de espontaneidade, ou melhor, de popularidade; tornou-se mais *scientific*, e portanto menos vulgar.

«Procurava-se sobre tudo (diz um escriptor) nas composições a sciencia e o merito das difficuldades vencidas. Foi propriamente a epocha da *escholastica musical*.»

Comtudo, mesmo entre os nossos monarchas, tivemos então alguns cultores da musica. D. João I parece que não foi desconhecedor das regras da divina arte; seu filho e successor, D. Duarte, teve por ella especial predilecção, e dizem que D. Affonso V a aprendera com Tristão da Silva, um dos primeiros musicos portuguezes, de que ha noticia.

Contemporaneo d'este ultimo monarcha foi ainda o musico *Alvaro*, do qual consta que offercera ao rei um *Officio* em canto-chão, para se cantar em acção de graças pela conquista de Arzilla em 1472.

No reinado de D. João II (1481-1495) estudava-se a musica entre nós com aproveitamento. São d'isto uma prova os seguintes versos de Garcia de Rezende, na sua *Miscellanea*:

Musica vimos chegar
a mais alta perfeiçam,
Sarzedo, Fonte cantar,
Francisquillo assi juntar
tanger, cantar, sem razam:
Arriaga que tanger!
ho cego que gram saber
nos orgãos! e o Vaena!
Badajoz! outros que a penna
deixa agora descrever.

O proprio Garcia de Rezende era tambem bom musico e tocador de alahude e de arrabil (rabeça) como se deprehende das trovas, que lhe dirigiu Affonso Valente:

Dizem que tangeis laúde
E tocaes bem os bemoles,
E pensaes em retrapoles
Abaixo de gamaúde:
Se tangeis por bequadrado
Inflammado como chamma,
Pareceis odre apoiado
Como mama (2).

Permitta ainda o leitor que lhe exhibamos aqui mais dous attestados em verso da pericia musical do moço da *escrevaninha* de D. João II:

(1) Castro, *Mapa de Port.* tom. III, pag. 165.

(2) Livraria Classica, por Castilhos (Antonio e José) tom. X, pag

O redondo do Rezende
Bem me entende,
Tange e canta muito bem.

(D. Francisco de Biveiro).

E Garcia de Rezende
Feito peixe tamboril;
E inda que tudo entende
Irá dizendo por onde:
Quem me dera um arrabil.

(Gil Vicente (1).)

As seguintes palavras do proprio Garcia de Rezende nos dizem qual o poderoso estimulo, que o levára a aperfeiçoar-se em tão brilhante prenda:

«E porque eu começava de tanger bem, (el-rei) me mandava ensinar, e me ouvia muitas vezes na sesta, e de noite na cama, e me gabava tanto e tantas vezes, que eu não cuydava em outra cousa senão em servir e aprender» (2).

«Oh! se todos os reis bem advertissem (escrevia Castilho a este proposito) no muito que podem fortalecer ingenhos com as suas palavras e agasalho; se as quizessem liberalisar aos talentos, que definham e se fenecem ao desamparo!... Graça do ceu gera os ingenhos, graça de príncipes os desenvolve como o sol, e os faz dar fructos para si e para toda a terra.»

D. M. S.

A VIDA

E's atomo subtil, penumbra que perpassas,
Placida, agitada, risonha, louca e triste,
Os seculos esmagas, legando pranto e graças,
Da Morte és irmã gemea, a que ninguem resiste.

Da terra as existencias não sentem teu poder,
Caminhas, sim, de leve e sempre sem parar;
Saudam-te os felizes, maldizem teu viver
Aquelles a quem falta o fogo no seu lar.

E's riso, pranto e dôr, vergonha e maldições,
E's fome e peste e guerra, és dôr, tristeza e morte,
Correndo apressurada, após as gerações,
Tu, cynica, lá vaes, caminho do teu norte.

Novembro—1885.

J. Azevedo.

QUANDO TU CANTAS

(NO ALBUM DA EX.^{ma} SNR.^a D. IGNEZ DULAN)

Quando tu cantas, harmonia infinda,
Voam as almas á mansão celeste;
Dô rouxinol não é a voz mais linda
Quando descanta sobre o manto agreste.

(1) *Côrtes de Jupiter.*

(2) Chron. de D. João II, cap. CCI.

Quando tu cantas, enebrias a alma,
Vê-se dos anjos o sorrir tão mago,
E no mysterio de uma noute calma,
Mais harmonia não possui o lago.

Quando tu cantas, tua voz divina,
Faz entreabrirem-se os portaes dos ceus,
E foge á terra, para lá vae dina,
Pois tambem morre por ouvil-a:—Deus!

S. Miguel, Açores, 1885.

Alice Moderno.

DESENGANO

(A MEU PRIMO J. B. RIBEIRO COELHO)

Adelina era uma morena sympathica, uma alma de poeta: o orgulho da familia, que a idolatrava. Se ella era a alegria do lar!

Completoou vinte annos: nas bem modeladas feições desenhava-se-lhe, agora, em traços intelligiveis, a tristeza que lhe invadia a alma: lamentava a soledade de seu coração adoravel, que... sentia necessidade de amar!...

Um dia foi passear ao campo; encontrou Arthur—um dandy da moda... affectado, pretencioso, e, n'aquelle todo, traduzia-se-lhe um certo cynismo que inspirava antipathia; a pezar de tudo, tinha uns olhos attraentes, que dominaram Adelina: viram-se... e amaram-se. Eis tudo.

Emquanto protestavam reciprocamente um amor eterno, formava-se, na atmosphera, repleta de electricidade, uma trovoadá que promettia desencadear-se sinistramente com todo esse cortejo, aspero e assolador, dos elementos.

Terminaram, pois, o seu passeio.

Passaram alguns instantes, e os trovões retumbavam furiosos! A luz do relampago a esfusiar na concha tenebrosa, opaca e rude do espaço, formava um mixto horrivel, semelhando um montão de chamas esparsas n'uma collina escura e triste!

Adelina entristeceu-se momentaneamente: a natureza, irada ao mesmo tempo que ella abria a sua alma joven ao primeiro amor, parecia-lhe o preludio d'alguma desgraça!

Aquellas impressões, porém, passaram; e, acreditando ingenuamente,—creança inexperta—, nos reiterados juramentos do homem que ella amava apaixonadamente, presumia ser lealmente correspondida na pureza e intensidade do seu amor: porisso se deixava embalar nas esperanças côr de rosa, que uma ida-de d'ouro e uma imaginação sonhadora lhe suscitavam.

Amavam-se, mas ia uma distancia infinita d'um ao outro amor: ella amava-o com toda a sinceridade d'uma alma bella e generosa, elle... amava-a com reserva!

Sob a impressão indomavel do olhar de Arthur, compoz ella a seguinte mimosa poesia, que cantava nas horas de saudade:

Esse olhar... domina, enleia
o mais frio coração:
é scintilha d'almo amor,
que accende n'alma um valeão!

Quando me fita anhelante,
d'amor sincero è constante,
o teu olhar scintillante
faz-me tremer a razão!

Se tento ás vezes fitar-te,
revelar-te esta paixão,
que inspira olhar tão vehemente...
curvo-me á fascinação,
que fere, sem dó, meu peito!
porque è dôr que, alegre, acceito:
vem n'ella amor e respeito:
eis d'esse olhar o condão!

Invoco o arrojô, a coragem
p'ra vencer essa attracção...
mas sinto o rubôr nas faces,
vencido o meu coração:
porque este amor tão profundo,
tão intenso e pudibundo,
dá-me a luz, em que me inundo,
nas trevas da solidão!

Eu devo, pois, compensar-te
tão grata fascinação:
jurar-te, franca, orgulhosa,
de noss'alma a eterna união!
Sim, minh'alma pura te ama!
paga, assim, a ardente chamma,
que esse teu olhar derrama
n'esta densa escuridão!...

×

Adelina julgava-se feliz: seus paes regosijavam-se de a ver assim. Mal diriam elles que o limpido horizonte da felicidade domestica, em breve seria turbado por tempestuosa nuvem!

Conhecia Adelina que o seu amor, de dia para dia tomava proporções gigantescas... mas confiava plenamente em Arthur. Enganara-se...

Decorreu algum tempo, e a infeliz era mãe!...

A mulher que ainda ha pouco passava altiva e orgulhosa da sua virtude, eil-a humilhada perante a sociedade... e arrostando o dolorosissimo fardo dos remorsos perante a consciencia, que lhe brada: «Esse opprobrio... em breve arrastará á funebre morada os honrados auctores de teus dias!»

Inutilmente expoz a Arthur, com as mais vivas côres, a necessidade de a aceitar por esposa: elle diligenciava um casamento vantajoso! Era todo o seu ideal:—uma boa fortuna!...

Adelina era pobre: não tinha meritos... Que era o seu amor, a sua boa alma? Nada, comparativamente...

Desenganou-se, finalmente, a respeito dos sentimentos de Arthur, e concentrou toda a sua vida, os seus mais caros affectos no innocente filhinho; vivia por elle e para elle.

A fatal sorte, porém, que a perseguia, nem esse linitivo lhe permittira: o fructo de tão desventurado amor, evolou-se dos braços maternos para habitar a mansão angelical!

A vida è assim!

Quando Adelina imaginava attingir a suprema ventura, viu-a sossobrar n'um oceano de amarguradas desillusões!...

A pobre mãe, aquella mãe a quem tantas dôres

tinham prostrado no leito sombrio da descrença, não podia resistir a este lance afflictivo:—a perda do filho estremecido, que se evolara para a eternidade. . .

A medicina declarou-a tísica no ultimo grau!

×

Approximava-se o outomno; a natureza despia as suas pomposas galas; os dias eram lugubres, sombrios, nostálgicos.

N'um d'esses dias, quando a desditosa se sentia convulsionada pela agonia extrema, ouviu o som festivo do sino da aldeia: consummára-se em tão grave situação, o crime mais abominavel: Arthur, desposara outra mulher! . . .

Adelina, já nos ultimos paroxismos, fragilissimo baixel, boiando nos confins do mar da vida, pôde comprehender tudo. . .

N'aquella hora suprema, as garras do ciume trituraram-lhe a alma, fulminando-a!

Era o ultimo arranco da dôr!

Duas grossas lagrimas desceram-lhe ainda pelas faces desbotadas, e ella. . .— a eterna martyr do amor, torcendo convulsivamente as mãos, já e frias cadavericas, exhalou no auge d'uma tortura incommensuravel, o ultimo alento.

Povoação—85

Marianna Coelho.

O REGATO E O MAR

(IMIT.)

Cahe manso o regato do rochedo
Gotta a gotta no mar que brame, iroso,
E o Oceano nauticida, impondo medo,
Diz: «Que desejas ó pygmeu choroso?»

Eu sou a tempestade e os seus horrores;
Acabo onde começa o ceu extenso.
Carecerei de ti, de teus favores,
Ente mesquinho, eu que sou o immenso?»

Responde-lhe o regato a susurrar:
«Eu dou-te, sem alarde e com prazer,
O que sempre te falta, ó vasto mar!
A gotta d'agua para se beber.»

Braga.

José Parreira.

A AURORA NO CAMPO

(AO MEU BOM AMIGO, DR. TRINDADE COELHO)

Da manhã ao despontar
as 'strellas perdem a côr,
no campo ouve-se um rumôr
que a todos faz despertar.

Sôa ao longe um echo brando,
desce ao valle o lavrador,
além, vê-se o segador
p'r'a seara caminhando.

Uma serrana formosa
sóbe a montanha 'scabrosa,
alegre cantarolando;

Após ella namorado,
o pastor conduz o gado
em rude frauta tocando.

Coimbra, novembro—85.

Acacio Fonseca.

AS ABELHAS

A RAINHA

Em cada enxame de abelhas, em geral, não ha mais do que uma femea; chama-se a esta a rainha; pelo poder auctoritario que tem sobre todas as outras, que abandonam a colmeia, logo que lhes falta a sua rainha.

Se nas primeiras vinte e quatro horas que se seguem ao desaparecimento da rainha, alguém quizesse dar lhes outra, para a substituir, ou para lhe succeder, ellas faziam-na em pedaços sem dó nem piedade.

Mas se lhes chegam com outra, passados tres ou quatro dias, será acolhida com a maior affeição, e o zumbido que logo fazem em volta d'ella, attesta a festa que todas fazem á sua nova soberana.

E' realmente interessante o modo porque as abelhas manifestam a sua alegria pela rainha nova. Cercam n'a, prendem-n'a, lambem-n'a por toda a parte do corpo, e offerecem-lhe mel na lingua.

Em geral a rainha é a primeira femea que nasce. Logo que sae da casca, e o contacto do ar lhe enrija os membros, atira-se furiosa ás outras larvas e nymphas, que, a crescerem, seriam suas rivaes; abre portanto com as mandibulas a casca de cada uma d'ellas, atravessa-as com o ferrão, e deixa ás operarias o cuidado de remover os cadaveres.

Quando, o que é raro, sahem das cascas no mesmo momento, duas rainhas, são logo rodeadas, e presas pelas operarias, que só as largam quando as veem promptas a entrar em combate, que é sempre fatal para uma d'ellas. A's vezes a luta dura tempo; sobem uma para cima da outra, ferem-se, e depois extenuadas, descançam e ganham forças para voltar ao combate. Nos intervallos de descanso, continuam a ser rigorosamente guardadas á vista pelas operarias.

Por fim, uma d'ellas fica no terreno, morta. A outra ergue-se com todo o sequito atraz de si, e entra no cortiço a escolher habitação. E' esta a verdadeira rainha, até morrer, ou desaparecer por qualquer causa fortuita.

E' vitalicia a monarchia das abelhas: e o systema despotico do governo, parece que é o melhor para o povo, que sob tal regimen se conserva muito tempo, sem revoltas nem manifestações de desagrado, á soberana pelo direito da força.

Parece que as abelhas nos ensinam a nós, os sabios reis dos animaes, que as civilisações, por mais adiantadas que sejam, nunca hão-de, nas suas leis sabias e moraes, destruir totalmente, com o imperio da razão, o grande principio que sempre constituiu as sociedades, ainda hoje assentes na supremacia physica da força sobre o direito.

G. J.

M ...

Nem tu pensas, anjo meu, no sofrimento que me esmaga ao lembrar minha paixão! Eu tão longe... e não virá teu pensamento visitar-me na minha solidão?!

N'esta vida todos teem a sua esperança, todos teem lenitivo á sua dôr; só eu não! Já p'ra mim não ha bonança — eu não posso aspirar ao teu amor.

D. M. Sotto-Mayor e Avila.

O SEU PÉ...

Aquelle niveo pésinho,
O seu pésinho de cêra,
N'aquelle andar tão levinho,
Que lindo elle é! Quem me dera

Naquelle seu pé d'arminho,
Aonde a volupia impêra,
Qual tímido passarinho,
Quando vem a primavera,

Fazer um ninho modesto!...
E depois seu labio honesto
Borrifal-o com mil beijos...

Ai! que lúbricos desejos...
Ao ver teu pé, meiga flôr,
Sinto a lava do impudôr!...

Sabrosa, 26—9—84.

Teixeira Coelho.

UMA VICTIMA

(DE CATULLE MENDÈS)

A baroneza de Linège entrou como um pé de vento no *boudoir* da sua amiga Thereza, — um pé de vento de setim e de rendas, que, com o impeto com que fechou a porta, fez oscillar os resposteiros e cambalear as estatuetas de Sèvres da *étagère*. A verdade é que, ao vel-a tão côrada, com o seio a arfar-lhe de baixo da *faïlle* do corpete, qualquer diria ter lhe acontecido alguma desgraça.

— Meu Deus! exclamou Thereza, que é isso? Nunca a vi tão perturbada. Tombou se a carruagem? os cocheiros são uns taes desastrosos!... Ou, dar-se-ha caso que o *store* do seu *coupé*, — a gente nem sempre anda sósinha — se levantasse na occasião em que passava o senhor de Linège? Porque a minha boa amiga não é das que se alvorotam por dá cá aquella palha, e para estar n'esse estado é preciso que seja coisa muito séria.

A senhora de Linège não respondeu immediatamente, tão esbaforida vinha, mas dava grandes suspiros, como quem tem uma grande magua ou um grande remorso.

— Ai de mim! disse ella passados momentos, o que me acontece é tão extraordinario, tão hediondo que nem sequer podia passar-me pela mente.

— Algum accidente?

— O mais grave que podia ser!

— Mas não está molestada, não está ferida?

— Ferida... creio que não estou.

— Então foi accidente... moral?

— Moral?... muito ao contrario.

— Está-me assustando!

— Mais assustada ficará quando souber a terrivel verdade. — Conhece algum pintor?

— Conheço alguns.

— Pois quebre desde já as suas relações com elles, mande-lhe fechar todas as portas, nunca mais os receba! porque os pintores, juro-lh'o eu, são os homens mais insolentes d'este mundo. Pela minha parte, era mais facil banbar-me completamente despida n'um regato de um bosque habitado por faunos do que demorar-me um minuto que fosse n'um atelier da avenida de Villiers ou de boulevard Maiesherbes!

*
*
*

E tomando alento, proseguiu:

— Não ignora que eu sou artista d'alma e coração. Os passeios ao *bois*, as visitas á modista, os jantares, os bailes e os saraus são coisas divertidas, não digo que não; mas, no fim de contas, deixam um grande vácuo. Sente a gente o tédio de se ter divertido de mais. Muito pelo contrario, a contemplação das grandes obras d'arte entretêm deliciosamente o espirito, ficando-nos d'ella, para as noites solitarias, memórias que elevam e encantam as nossas cogitações. Emfim, eu era doida — era, já não sou nem nunca mais serei — era doida pelos *ateliers* e pelos museus; e, pôde acreditar-me, não era no frívolo intento de mostrar a minha primeira *toilette* de primavera que ia ao *Salon*, nos dias solemnes. Como é natural, pedia a meu marido para me apresentar todos os pintores de nomeada. Tomar parte nas suas conversações era o que havia de mais agradável para mim; e não estava deslocada; fallava da linba, da côr, da luz, dos cambiantes, com uma competencia verdadeiramente notavel. Mas, entre tantos pintores, nenhum mais do meu agrado do que o snr. Bertin.

— Um lindo moço, se a memoria me não falha, observou a condessa.

— Nunca reparei n'isso! Gostava d'elle pela nobreza das suas theorias, pelo seu entusiasmo, pelos seus arrebatamentos. Ah! minha boa amiga, creia que não era um d'esses artistas mais ou menos habeis cuja arte é tão sómente a bastante para a reprodução das coisas naturaes. Conhece os seus quadros, — quadros em que vivem todas as su limitades da phantasia e da fórma ideal? Pois, esses quadros, antes de os pintar, dizia-os, e eu escutava-o suspensa dos seus rabios. Quando o barão me levou á Italia, pedi ao snr. Bertin que nos acompanhasse. Inolvidaveis semanas! O que elle dizia diante das obras primas que contemplavamos, era exactamente o que eu quizera dizer, parecia-me ouvir o meu pensamento na sua voz.

— Cuidado, cuidado, minha amiguinha: essa communhão intima de admirações é muito perigosa.

— Não havia perigo nenhum! Nunca fiz de *coquette* com elle.

— Nunca?

— Nunca. A condessa não imagina quão longe se está das hesitações mundanas quando a alma se deixa absorver pelo culto da arte!

— E elle não lhe fazia a *côrte*?

— Elle, sim! A sua preocupação constante eram as Jocundas e as Fornarinas.

—Bem, já aqui não está quem fallou.

—Quando regressamos á França, a minha intelligencia tornára-se para todo o sempre irmã gêmea da sua, e Bertin nem sequer me beijára ainda a ponta do dedo mínimo. Era assim que depositava n'elle a maior confiança, e tanta que apenas me causou uma leve surpresa, quando ha oito dias me fez um pedido que não deixaria de inquietar qualquer outra mulher.

—Que pedido?

—Segundo elle disse, tenho não sei que parecença com a Venus Vixtrix do Louvre. Pela minha parte não acredito em tal; ella é tão linda!

—E a minha amiga é feia?

—Seja como fór, elle acreditava nas taes parecenças, e como quer que intentasse reproduzir na tela a estatua de Cleomene...

—Pediu-lhe para lhe servir de modelo?...

—Tal qual.

—Com o vestuario da Venus de Milo?

—Exactamente.

—Misericordia! estou certa que a minha boa amiga lhe fez vêr o mais cortezmente possivel toda a inconveniencia de semelhante proposta?

—Não sei porque. Porque razão havia de esquivar-me? Se é certo que a minha belleza, apreciada com demasiada indulgencia por um artista entusiasta, podia vir a produzir um quadro admiravel, repito, com que direito havia, por um escrupulo futil, de obstar á manifestação de uma obra prima?

—Mas, minha querida, a tunica da Deusa está cahida até á cintura!

—O pudor devia ceder ao amor da arte.

—E cedeu até...

—Teria cedido até aos artelhos, se Bertin tem querido pintar a Venus de Medicis!

* * *

Apoz uma breve pausa a baroneza proseguiu nos seguintes termos:

—Prometti fazer-lhe o que elle queria, dei-lhe um juramento solemne; e, esta manhã, entrei sósinha, sem medo, — certa de que ia cumprir um dever! — no vasto *atelier* onde resplende o ouro na trama dos estofos e refulgem brandamente os divans orientaes.

—Os divans?... valha-me Deus!

—Volvidos instantes achava-me em cima da meza dos modelos, como se fóra a propria Venus. E, para me confundir quanto possivel com a deusa mutilada, cruzava os braços nas costas, para que só se me vissem os hombros.

—Mas havia de ver-se-lhe muito mais!

—Que importa que visse! eu sentia-me de marmore.

—E, elle, mostrou-se da mesma substancia?

* * *

—Ah! exclamou a baroneza rubra de colera—o traidor, o monstro havia-me enganado, enganava-me ha seis mezes! Os seus entusiasmos artisticos não eram mais que a hypocrisia da sua cubiça.

Esse artista era um homem como todos os mais! Quando eu imaginava que elle ia assentar-se diante

do cavallete, eil-o que corre para mim, cae de joelhos, e me confessa, em phrases de possesso, o seu detestavel amor!

—Detestavel?

—Execrando! E não se contentou com exprimir-se por palavras; atreveu-se, o renegado das puras commoções intellectuaes que provaramos em commum, atreveu-se, estendendo as mãos sacrilegas...

—Por quem é, não diga mais, minha querida! Estou a ver o resto da scena. Horrorisada, cheia de pavor, fulminando-o com um olhar de desprezo, levantou-se, e repelliu-o com toda a altivez!

—Repellil-o? murmurou a baroneza.

—De certo.

—Ai de mim! repellil-o... não o repelli...

—Como assim?

—Ah! a vontade era boa, como bem poderá suppôr. Mas cumpria-me desempenhar fielmente o meu papel, se bem que elle houvesse abjurado o d'elle, e...

—E...

A baroneza hesitava e voltara um pouco a cara.

—E, que queria fizesse? a Venus de Milo não tinha braços!—disse ella.

P. R.

EXPLICATIO

R...

Creança, p'ra que perguntas
Porque vês em mim tristeza?
Não sabes que a minha dôr
Tem por causa a incerteza?
Não sabes que me atormenta
Ver em ti tanta frieza?

Se vislumbrasse em teu peito
Uma paixão bem ardente;
Se, vendo que soffro tanto,
Fosses commigo clemente;
Então sim! eu viveria
Sem chorar e bem contente...

Inda ás vezes me perguntas
Porque vês em mim tristeza!
Não sabes que me atormenta
Ver em ti tanta frieza?!...

Braga, Novembro de 85.

Arthur Soares.

CALINADAS

N'uma tasca da rua das Fontainhas, no Porto, encontra-se uma taboleta, em que se lê o seguinte:

VINHOS DUALTO, DOURO
VINHOS VERDES, DA, MARANTE
ITHAMBEMCEEAZ DE ACOMER
ANA MARIA DA SILVA

Não nos admira.

Nesta cidade, e perto da estação do cami-

inho de ferro, tambem ha umas alminhas, com a seguinte inscripção :

Lemvraos das venditas almas de S. pedro macheminos

Ora isto, em pleno seculo desenove, e quando o progresso chega á afinação de serem admirados debaixo da Arcada os discursos politicos do *Flor da Alexandria*, é caso para perguntar: —Onde diabo iria parar a palmatoria de mestre Pepino ?

×

Philosophia de um solteirão:

—Porque não te casas, Lucio ?

—Porque me arrependeria.

—Porque ?

—Porque seria zeloso

—Zeloso... porque ?

—Porque recearia que minha mulher me trahisse.

—É porque te trahiria ella ?

—Porque eu o merecia.

—Mercial-o !... porque ?

—Por ter casado.

×

Ia ser enforcado um cigano. O verdugo benesse-se, e diz constricto:

—Deus me ajude. E' a primeira vez que enforco.

—Extranha coincidencia!—exclama o cigano—eu tambem é esta a primeira vez que sou enforcado...

×

—Em que te occupas agora ?

—Sou empresario do theatro.

—Que genero exploras ?

—O genero humano.

×

Passavam dous marialvas na rua do Souto. Um aldeão, inconscientemente, atravessou pelo meio d'elles.

Os marialvas, escamados:

—Você é burro ou estúpido ?

O aldeão, sosegado:

—Não sei; mas creio que estou entre os dous.

Pan-Crácio.

LOGOGRIPO

(AO MEU AMIGO SILVESTRE JOSÉ FERNANDES)

Como é um nome proprio,—2—3—7—8—1

De deusa que se vae ver,—4—5—4—1

Tambem é um certo nome

Que em mãos e pés debes ter.—4—9—4—1

Molestia fastidiosa

E' forçoso apresentar;—8—9—4—5—1

E fazendo agora ponto,

O *conceito* vou formar.

Se o amigo possuir
O que despresou Adão,

De certo merecerá
Ser um outro Abrahão.

16—10—85.

J. Vellozo.

LOGOGRIPO POR LETRAS

(AO MEU RESPEITABILÍSSIMO PROFESSOR, DR. PEREIRA CALDAS)

—Andava eu á procura—10—2—8—7

—D'um ser creado por Deus,—4—11—1—5—6

—E que fosse meu parente—3—9—11

—Cá p'ra uns arranjos meus.—10—7—1—2

—Encontrei-o bem distincto:

—E' *Pereira Caldas*, não mintu.

A. Infante.

CHARADAS

I

Eu posso ser appellido, }₁
Se me quizeres por tal; }
Sou ave de bello gosto, }₂
Come, que não te faz mal }₂

Bem posso ser branco ou preto,
E ser mui tórto, ou bem feito;
Mas não posso ser um só,
A não ser por um defeito.

II

Quem não sabe assim me chama.—1
Se eu pedir, que me dirão?—1
Eu já fui imperador
E morri n'uma prisão.

III

Sou uma flôr e appellido, }
Ainda que pouco vulgar; }₁
Até posso, se quizeres, }
O teu collo enfeitar... }₁

Não sou má, ainda que queira }
Mal de mim não sei dizer, }
Se Deus assim me fadou, }₂
Só me cumpre bem fazer. }₂

Quem me vê, de mim se agrada,
Tenho a arte d'encantar:
Passeios, ricos fertins,
Muito rir, muito folgar.
Mas não sei se é bem melhor
No campo, alegre, habitar.

Amores.

M. Augusta.

Solução do logogrifo do n.º anterior: —*Souvenir*; das charadas gregas: 1.ª—*Roma*; 2.ª—*Alfama*; 3.ª—*Pi-reu*; 4.ª—*Py-rrho*; da charada prehistorica: —*Coração*.

AOS NOSSOS LEITORES

Com este numero termina o 1.º trimestre da publicação da «Abelha». E' uma vida curta de mais para morrer já.

Não querendo deixar morrer este semanario, que tanta sympathia tem merecido do publico illustrado, nós resolvemos augmentar-lhe o formato, para podermos dar em todos os numeros uma chronica de Braga, uma chronica jocosa, que servirá para provocar a gargalhada a uns e fazer *dar sorte* a outros.

Os acontecimentos principaes d'esta cidade, serão, n'esta chronica, commentados em estylo humoristico, satyrico até. E' um melhoramento importante introduzido na «Abelha», e que sem duvida augmentará o numero dos seus entusiasticos leitores.

Mas, para que este jornal augmente quatro paginas ao formato primitivo, é necessario augmentar ás despezas, e portanto, augmentar o preço da assignatura.

E' isso que nós não queremos.

O nosso desejo é apresentar aos leitores um jornal barato, que não seja petiz de todo.

Para conseguir este fim, o unico expediente razoavel é derigirmo-nos aos nossos assignantes, pedindo-lhes o obsequio de contribuirem quanto possivel para augmentar o numero dos subscriptores da «Abelha».

Bastará que cada assignante angarie um novo subscriptor, para que a nossa receita duplique. Depois, nós poderemos, sem augmentar o preço da assignatura, augmentar quatro paginas a este jornal.

Esperamos, pois, que os nossos leitores, consciuos da justiça do nosso pedido, nos enviarão, cada qual, o nome de um dos seus amigos, que julguem nos casos de poder apreciar e pagar a «Abelha».

Emquanto esperamos resposta a este pedido, não poderemos publicar numero algum, porque a receita proveniente da actual assignatura, não nos compensa a despeza feita, no caso de augmentarmos ao formato.

A'quelles dos nossos assignantes que ainda não satisfizeram os seus debitos, lembramos o dever que impõe o cavalheirismo, e esperamos que todos nos enviarão a quantia do 1.º trimestre vencido (400 reis).

Creemos que não será preciso pôr mais na carta...

Ninguem ignora quanto a «Abelha» gosta da mosca...

Venha pois a mosca, e os nossos leitores terão dentro em pouco, não só uma abelha, mas até uma abelha mestra.

A Empreza.

DIVAGAÇÕES

(A J. PEREIRA DE CASTRO)

Bem longe do bulicio da cidade,
Eu passarei a vida obscuramente,
Envolto nas ideias de bom crente,
Aurindo a aragem pura em liberdade.

E ahí com mais vigor e intensidade
Darei livre expansão á minha mente,
Fazendo-a assim sentir o que não sente
Quem não gosa o primor da soledade.

Pelos montes e valles espairando,
Tu has-de ver-me absorto, contemplando
O doce pipilar das avesinhãs.

E então perguntarei á natureza,
Porque não deu á limpha da deveza
Licença p'ra cantar as ladainhas...

Braga=1885.

Arthur Villaça.

VACILANTE

Eu amava-a loucamente
Como se ama a primavera;
E vivia tão contente
N'aquella ingenua chimera!...

Hoje não! Ella sorri-me
Como o sol frio outonal..
Mas—confesso!—ainda me opprime
Aquelle riso tão ideal!

Braga—85.

Canijo T.



SOBRE UM TUMULO

A «Abelha», o mais obscuro de todos os jornaes que se publicam em Portugal, presta respeitosa homenagem de dolorosa condolencia á morte do notavel e bemquisto chefe do partido progressista, Anselmo José Braamcamp.

Estranho á politica, este hebdomadario sabe respeitar a honradez, onde ella existe.

Por isso vem hoje desfolhar uma flor sobre o tumulo do venerando ancião que deixou esta vida, e endereçar ao partido progressista um cartão de sincero pesame e profundo sentimento.

Anselmo Braamcamp morreu!

Seja-lhe leve a tumba, e misericordiosa a justiça de Deus.